



Os grumos obscuros da desordem simbólica¹

Luciana Tavernini

Proponho algumas reflexões que, partindo dos nós² pessoais evidenciados pela prática da história vivente³, mostram uma ligação diferente entre o privado e o público, oferecem hipóteses sobre as causas de certos comportamentos femininos, esboçam modelos de autoridade feminina para uma outra forma de habitar o mundo e, ao fazê-lo, dão uma nova origem ao fazer da história.

¹ Texto original publicado em *DUODA: estudos de la diferència sexual*, 2011, n.º 40, pp. 84-97. Acesso em: <https://raco.cat/index.php/DUODA/article/view/241956>.

² N.E. Entre as autoras do feminismo da diferença e da história vivente, é comum o uso da palavra “nudo”, em português “nó”, para discutir pontos de tensão, de amarração, em que ficamos presas e sufocadas. Pense em um nó apertado e difícil de desamarrar, essa imagem representa o estado em que nos encontramos antes de uma elevação de consciência ou epifania de realidade que nos permite respirar livremente. Também faz referência à noção da arte têxtil das mulheres em relação à construção da tapeçaria do mundo, da tessitura de todas as nossas histórias.

³ N.E. A história vivente é uma prática da história pensada e atuada pela Comunità di Storia vivente da Livraria Feminina de Milão. O nome é criação de Marià Martinengo, que apresentou a ideia em seu livro “La voce del silenzio: memoria e storia di Maria Massone” (2005). A proposta é um fazer histórico sem separação entre a historiadora, a experiência de seu corpo no mundo, e as tessituras do tempo. Para ler mais: <https://www.raco.cat/index.php/DUODA/article/download/241957/324548>.



Por uma palavra pública feminina

O primeiro nó que quero abordar é o entrelaçamento entre o desejo e a dificuldade (minha e de muitas outras) de assumir a palavra. Quais são os obstáculos para a fala pública feminina? O que nos dá força e o que nos bloqueia? Que estratégias implementamos para dizer algo publicamente sobre nós mesmas e o mundo?

Meu trabalho na comunidade de história vivente me permitiu compreender alguns elementos relacionados a essa problemática: o vínculo entre palavra e verdade, sobretudo no que diz respeito ao descobrimento da relação entre vida-sexualidade e função materna; e o vínculo entre a confiança na própria capacidade de julgar e o abuso sexual, sobretudo quando o abusador tem a estima da mãe.

O que aprendi com minha experiência (e de outras amigas) é que carregamos a memória da ruptura da confiança de que a palavra materna guia o descobrimento da verdade. Eu ainda me lembro da raiva e da afronta que senti quando, em um momento de harmonia familiar (passeávamos em meio à natureza), meus pais decidiram me contar que aquela nova criatura, que, com tanta alegria, esperávamos a cegonha trazer, na verdade estava se desenvolvendo na barriga da minha mãe, só esperando para sair ao mundo. Achei que fosse brincadeira, que estavam zombando de mim. Então, passada a raiva, quis saber mais, só que a reticência e a vergonha da minha mãe causaram em mim uma tristeza em relação à origem. Outras amigas têm



memórias de episódios semelhantes de raiva, de pressionar a mãe para fazê-la proferir uma verdade em que a filha de repente descobre uma mentira. As histórias da carochinha sobre o nascimento, a revelação parcial e desvalorizada do ato sexual, da origem da vida, também carregam em si a desvalorização da língua materna, de seu poder de dizer o mundo. Dessa forma, a linguagem, utilizada pelos adultos e mais especificamente pela mãe, perde a função de explicar o mundo, convertendo-se numa potência criadora de falsas visões. De que adianta falar, se é preciso ocultar a origem da própria existência, se é algo que só pode ser parcialmente revelado? Com isso, a língua perde sua força hermenêutica de captar o sentido do que somos e fazemos para se reduzir a um instrumento de comunicação da vida cotidiana, de contato afetivo, de som agradável.

Acredito que o que intuitivamente temos feito com nossas filhas desde os anos 1960 e 1970, essa construção de narrativas próximas da verdade sobre a concepção e o nascimento, também fez com que as jovens usassem a palavra com cada vez mais segurança. Decerto existe o problema de não criar uma narrativa prosaica, porque a narrativa mítica e a poesia têm força para captar algo além do visível, e, portanto, dar impulso à busca de um sentido para a existência no limitado e limitante.

No outro caso de que quero falar, a questão não é a falta de confiança na capacidade da linguagem de dizer a verdade, e sim da falta de confiança na própria capacidade de julgamento, que se baseia principalmente em confiar no



que sentimos. Sobre a importância do sentir, as palavras de María Zambrano me parecem muito reveladoras:

Tudo, tudo o que pode ser objeto de conhecimento, tudo o que pode ser pensado ou experimentado, tudo o que pode ser querido ou calculado, é previamente sentido de alguma forma; [...] o sentir, portanto, é aquilo que nos constitui, acima de qualquer outra função psíquica; pode-se dizer que temos as outras funções, mas o que somos é o sentir. Assim, o símbolo supremo da veracidade, da verdade viva, sempre toca o sentir, a fonte última de legitimidade de tudo o que o humano diz, faz ou pensa. (Zambrano, pp.103-104)

Agora quero apresentar um tipo de situação que pode afetar a capacidade de sentir. Refiro-me a episódios de assédio ou abuso (mas estes termos não expressam plenamente a ambiguidade do que acontece) por parte de um homem adulto contra uma menina, uma adolescente ou uma jovem mulher. Esse tipo de acontecimento gera na moça uma dificuldade em atribuir culpa, sobretudo quando o indivíduo é julgado positivamente pela mãe, e gera também uma sexualidade distorcida, movida pelo prazer dele, não por uma descoberta de ambos.

Contarei o episódio pelo qual passei para que vocês possam compreender essa “normalidade” aparente e como tantas mulheres passam por experiências semelhantes, muitas vezes silenciadas. Minha mãe e meu pai me levaram a uma cidade próxima para que eu me consultasse com um médico que fazia tratamentos “alternativos”. O doutor tinha sido recomendado por conhecidos, e uma consulta com ele fizera muito bem à minha mãe. Eu era uma



adolescente inteligente e sensível, e, por isso mesmo, estava em crise. Para meus pais, que tinham poucos recursos financeiros, me proporcionar aquela consulta foi um grande ato de amor. A visita já durava mais de uma hora quando ele, depois de me despir, falando sobre sexualidade, me pediu para fazer com meu corpo algo que lhe desse prazer; então, aquele senhor, que tinha três vezes a minha idade, me convidou a fazer com ele o que eu quisesse. Eu me acomodei em seus braços, como fazia com meu pai quando criança, e perguntei se ele sentia algo por mim. A resposta foi que o importante nas relações sexuais e amorosas era se controlar, como ele estava fazendo, e que o que havia acontecido durante a consulta não era coisa para conversar com outras pessoas, que não entenderiam. Não contei a ninguém, não poderia julgá-lo. Mas sabia que não queria voltar lá. Mesmo depois de adulta, conversando a respeito com minhas amigas, a ambiguidade do acontecido permaneceu, apenas depois da morte recente de minha mãe é que o véu se dissolveu.

Alguns aspectos são fundamentais para o desenvolvimento desse tipo de relacionamento: a surpresa; o valor que uma jovem atribui à atenção dos "mais velhos"; o envolvimento emocional num jogo erótico que não é descrito como negativo (são gestos relacionados com carinho, são pessoas boas e queridas); o fato de que o sujeito tem a estima da mãe, a guia das relações. Lendo a trágica história de América Vicuña, de 14 anos, e seu tutor, Florentino Ariza, de 74 anos, protagonista de *O Amor nos Tempos do Cólera* (García Márquez, 2003), revivi a



ingenuidade e a confiança de se entregar a um adulto, o desejo de ser guiada em uma descoberta íntima e importante.

Ainda que, como no meu caso, a jovem entenda que a experiência não deve se repetir e, se possível, não a repete, dentro dela permanece a dúvida sobre o comportamento daquele homem: Queria me fazer bem ou mal? E eu, era importante para ele, ou era substituível? O que ele tinha de bom, para conquistar a estima da minha mãe? Se minha mãe estava enganada, como vou poder confiar no julgamento dela? Como falo com ela, se o que aconteceu é tão ambíguo? A dúvida também é uma forma de escapar da reificação⁴ que a violência de um ser humano sempre produz em quem a sofre. Além disso, em comparação com os relatos trágicos de violência contra as mulheres, o que aconteceu parece insignificante. Ainda assim, sabemos o quanto isso nos marcou. Penso, por exemplo, no relato *Corona de Cristo*⁵ de Ornela Vorpsi: Elona, um dos nomes da protagonista do livro *Il paese dove non si muore mai* (O país onde não se morre nunca), é chamada pelo avô de uma amiga para exibir as “pernocas” e a “mariposinha” em troca de um delicioso lokum e de duzentos leks. A menina escapa com os dedos “grudentos de pó de lokum”. Pó do descobrimento do mundo” (VORPSI, 2005, p. 29). Nesse trecho, a autora não

⁴ N.E. A reificação, no sentido empregado no texto, concerne o processo de objetificação de um ser humano.

⁵ Vorpsi, Ornela. “Corona de Cristo”. Em: *Il paese dove non si muore mai*. 2005, pp. 23-29.



escreve em primeira pessoa, como no restante do livro, talvez para se afastar de um assunto que ainda arde, mesmo depois de tantos anos.⁶

Mas, se essa experiência é tão difícil de colocar em palavras, se não tenho como julgar aquilo que me concerne tão intimamente, que experimentei em primeira mão, como posso me expressar autenticamente sobre qualquer outra coisa? Como posso falar publicamente com a força que vem de dentro, que vem da confiança no que se sente?

Ainda assim, o desejo de viver neste mundo permanece, e algumas estratégias logo são colocadas em ação.

Uma delas é o uso da ironia em cada narrativa, mesmo pública, sobre si mesma: contamos histórias cativantes, amigáveis, engraçadas e, sobretudo, que nos mimetizam.

Outra, sem dúvida, é o *ato de fazer*, mas o fazer ligado ao dar prazer, gerando então uma dificuldade de dizer não, de evitar pedidos e até de falar em público. Nós nos permitimos ser exploradas; quando é essencial escolher, a escolha é guiada pela hierarquia dos afetos, não pelo desejo.

E, quando falamos publicamente sobre assuntos que nos são caros, usamos as palavras de outras pessoas, quase como uma máscara que esconde

⁶ N.A. Juntamente com o epílogo "Terra promessa", que narra a desilusão da chegada à Itália, vindo da Albânia, "Corona di Cristo" é o único relato em terceira pessoa do livro. O título refere-se a uma flor admirada durante horas por Elona, instintivamente procurada noutros países, da qual ela diz: "Com tristeza, compreendeu que era uma flor muito comum" (p.23). Como sabemos, infelizmente, o mesmo pode ser dito sobre o abuso.



enquanto revela. E, graças à porosidade que a linguagem pode permitir, ao explicarmos os pensamentos e acontecimentos dos outros, algo novo emerge de nós mesmas.

Tenho muita afeição pelo percurso humano e literário da escritora iraniana Azar Nafisi, que, em seus estudos críticos, escreveu, por exemplo, sobre as mulheres na literatura persa clássica e contemporânea. Em seu primeiro livro de muito sucesso, não por acaso intitulado *Lendo Lolita em Teerã* (NAFISI, 2004), ela relatou sua experiência como professora e seu relacionamento com alunos e alunas através dos textos literários. Ainda assim, só em seu último livro ela consegue falar em primeira pessoa, contando também a história do “homem santo” que se apertou na cama contra ela, uma menina de seis anos, que dormia no quarto do irmão mais novo enquanto os pais estavam em uma festa. Nesse livro, ela comenta como o episódio a marcou, escrevendo:

Haji Aga foi minha primeira experiência e a mais dolorosa. As outras foram aleatórias e fugazes, mas todas ampliaram meu sentimento de vergonha, de raiva, de impotência. Nunca consegui conversar com meus pais a respeito; afinal, eles também eram adultos, como aqueles que tinham me atacado. Será que teriam acreditado em mim? Ou acreditariam em Haji Aga, um homem que minha mãe ouvia e respeitava? (NAFISI, 2009, pp.75-76)

Só depois da morte de sua mãe é que Nasifi consegue, parafraseando o título do livro, escrever “as coisas que não disse”.



Para uma interpretação livre do comportamento feminino

A segunda questão que busco destacar é a importância de mudar a interpretação da mensagem que nos foi transmitida pelo comportamento da mãe ou da nossa ancestral, sempre determinado historicamente. E é preciso fazê-lo justamente pelos sentimentos negativos que provoca: irritação, raiva, silêncio obstinado, desorientação, angústia, entre outros.

Minhas reflexões se entrelaçaram com as de algumas mulheres de Pescara⁷, que, em grupo, partindo de *L'ordine simbolico della madre* (A ordem simbólica da mãe) (MURARO, 1991), examinaram a relação concreta que tinham com a mãe. Daquelas férias chuvosas em frente à lareira de uma cabana nas montanhas, lembro-me particularmente da história de María e a boneca na cama. Ela passara anos sentindo uma raiva irracional da mãe, a quem julgava egoísta, e a prova disso era que nunca pudera brincar com a boneca de porcelana que a mãe toda manhã colocava em cima da cama de casal arrumada. Aquilo atestava que a mãe não a amava o suficiente, e esse sentimento de carência, que vinha desde a infância, se converteu num ressentimento que sugou parte de sua energia da juventude; esse nó que a prendia só se desfez quando ela conseguiu mudar sua leitura da mensagem da mãe. Num mundo de trabalho árduo da classe trabalhadora, a mãe queria criar

⁷ N.A. Em junho de 2009, graças ao meu relacionamento com Vanna Chiarabini, fui convidada por algumas mulheres da comunidade Eleusi de Pescara e Foggia para ir à casa de Chiara Eusebio. Durante as longas conversas, Maria Bucci me contou como o fato de poder ler o comportamento de sua mãe, Ada, de uma maneira diferente a havia transformado.



e preservar um lugar de beleza⁸. Ela lhe ensinou que toda mulher, até mesmo uma mãe, não devia estar completamente disponível, que precisava proteger seu desejo, criar um espaço para si. Compreender este ensinamento materno de liberdade a ajudou na relação com o próprio filho e lhe deu a coragem de que precisava para seguir com a própria carreira. María conseguiu isso graças a seu trabalho com as outras mulheres; a verdade é que o simbólico masculino, além de não contemplar, cria obstáculos para a leitura de liberdade nos comportamentos femininos originais, minando suas raízes.

Entendi perfeitamente a sensação de leveza recém-descoberta, aquela que nos primeiros momentos, às vezes primeiros anos de vida, sentimos quando há a certeza de que a mãe nos dá a conhecer o que é essencial para a vida, porque o mesmo estava acontecendo comigo. E foi uma descoberta decorrente da prática da história vivente.

Minha mãe me ensinou algo imprevisto no mundo capitalista: que a generosidade não depende da riqueza e que não há vergonha nenhuma em ser pobre, basta saber não ser miserável. Ela me ensinou a reconhecer a grandeza e a criatividade daquelas mulheres que eu gosto de chamar de “salvadoras das situações impossíveis”⁹.

⁸ N.A. As bonecas de porcelana com vestido largo de organdi, de 40 a 50 centímetros de altura, com olhos de vidro e longos cílios móveis, eram um verdadeiro luxo na década de 1950: eram para ser admiradas e não para brincar. Minha sogra também tinha uma, que eu guardo embrulhada em papel de seda no sótão.

⁹ N.A. Essa definição nasceu de uma discussão com meu marido Roberto Rigon sobre a figura de Johanna, a sólida e inconformada protagonista da intensa história que também dá título ao livro de Alice Munro (2001), *Nemico, amico, amante...* (Inimigo, amigo, amante...), que eu havia apresentado a ele.



Minha mãe e a mãe dela¹⁰ são dessas mulheres. Confrontadas com injustiças absurdas, não gritam: agem e ousam com uma força e uma firmeza que derivam de estarem do lado certo, da impossibilidade de desviar o olhar. A tarefa impossível passa a ser difícil, e quando, graças a suas invenções, recupera-se a normalidade, a memória daquelas e daqueles que foram salvos pode até desaparecer, muitas vezes por autodefesa — ou seja, para esquecerem o abismo no qual estavam caindo.

Durante a Primeira Guerra Mundial, nas montanhas do Trentino, minha avó cuidou dos filhos do meu avô, que teve apenas uma curta licença para enterrar a primeira esposa antes de precisar voltar para a batalha contra o exército italiano, de que fora prisioneiro. Para sustentar as três crianças, ela foi até o prefeito e declarou que se não recebesse algo com o que pudesse alimentá-las, iria com elas para as escadarias da prefeitura, para que mais ninguém pudesse fingir que não estava vendo o que acontecia.

Minha mãe se casou com meu pai, que ficara cego quase no final da Segunda Guerra, vítima das minas que os alemães tinham deixado nas estradas. Ele tinha liderado o grupo de aldeões que tentavam alertar as forças Aliadas que não bombardeassem a aldeia. Só que os mutilados logo se tornaram um fardo e uma vergonha. Meu pai andava sozinho pelas ruas, e algumas pessoas chegavam a parar em seu caminho só para ver se ele ia mesmo esbarrar nelas.

¹⁰ N.A. O nome de minha mãe era Amelia Cereghini de Tavernini e o de minha avó, Emma Bonapace de Cereghini. Quero escrever seus nomes porque as mulheres são frequentemente mencionadas em conexão com seus parentes e é difícil rastrear seus nomes completos.



Ninguém o ajudava, nem mesmo no caminho até o altar, para fazer a comunhão. As roupas boas que tinha foram dadas aos irmãos – afinal, que necessidade ele teria de roupas boas, se nem mesmo as enxergava? A noiva o abandonara – de que serviria um homem que não poderia ajudá-la no campo? Mas minha mãe o acompanhou ao altar para a comunhão, começou a sair com ele, o incentivou a se inscrever na faculdade (meu pai tinha estudado no seminário, que era o único jeito de uma pessoa pobre estudar, e minha mãe lia textos de filosofia para ele), então se casaram, e isso foi só o começo. Minha mãe nunca conseguiu ser indiferente: quando via uma situação difícil, coisa que sabia como ver, inventava maneiras de estender a mão sem se sobrecarregar, buscando trazer para a superfície quem quer que estivesse a ponto de afundar. Aquilo era necessário para que ela se mantivesse humana.

As duas foram “um modelo de autoridade feminina para outra forma de estar presente” (Zamboni, 2008, p. 60): mulheres que não esperam o fim do capitalismo, que sabem que “no tempo dos processos capitalistas, é possível abrir outros espaços nos quais reine a sabedoria feminina das relações humanas” (Zamboni 2008, p. 59)¹¹.

Além do incômodo com sua generosidade, que eu interpretava como oblativa, outra coisa na minha mãe me irritava profundamente: não fazia nada para disfarçar nossa pobreza.

¹¹ N.A. Para essas reflexões, Zamboni se refere a Ina Pretorius (2005).



Eu, que estava estudando graças à sua capacidade de economizar, graças ao seu desejo de que nem eu nem minha irmã nunca dependêssemos economicamente de um homem, sofria a influência daquelas professoras, *vestali* (sacerdotisas) da classe média,¹² que consideravam inútil e dificultavam o aprendizado de quem “não podia nem devia se tornar a classe dominante do país”¹³ e que julgavam ter a tarefa de fazer essa seleção. Senti que minha mãe não aceitava e era indiferente a essa lógica, e eu encarava sua franqueza diante daquele absurdo como um obstáculo para me incluir naquele meio, algo que eu devia ocultar, de que deveria me envergonhar.

Nem mesmo 1968 foi suficiente para me fazer compreender a capacidade dela de se posicionar em outro nível. Para minha mãe, miserável era quem fingia ter uma educação completa, quem não soubesse desenvolver sua sabedoria cotidianamente, mantendo o respeito e a admiração pelas pessoas que reconhecidamente possuíam conhecimentos superiores. Minha mãe sempre dizia que havia algo a aprender mesmo das pessoas que pareciam mais insignificantes.

Lembro-me de ouvi-la contar como aprendeu a fazer *pasticcio di crispelle*, uma torta delicadíssima de crepes e ragu, um prato muito fino e bem barato, para abrir almoços importantes. Quando o Estado italiano começou a oferecer 15

¹² N.A. O termo foi cunhado em 1969 para indicar o papel, especialmente dos professores, na perpetuação da ideologia de classe da burguesia e foi o título de um livro (Barbagli, Dei 1969); na seleção de classes naqueles anos, o trabalho de Don Milani e das crianças de Barbiana (Barbiana School 1967) foi disruptivo.

¹³ N.A. Esse foi o significado do discurso da minha professora de latim e grego no primeiro dia do ensino médio em 1960.



dias de férias para os deficientes e mutilados pela guerra, meus pais iam para um hotel e nos deixavam com nossos avós. Durante uma dessas férias que passaram em San Benedetto del Tronto, no caminho de volta da praia, encontraram uma camponesa idosa que sempre lhes convidava para descansar um pouco à sombra de sua casa, tomando uma bebida. Essas paradas para amenizar o calor eram essenciais para a saúde precária do meu pai, e, conversando enquanto ele descansava, as duas mulheres trocavam afeto e conhecimento. Assim, sem se expor, as mulheres cuidam dos outros e transmitem suas invenções, feitas de memória e de melhorias contínuas, que constituem o tesouro da cozinha pobre italiana, que tem preservado a vida saudável e alegre mesmo em tempos de miséria.

Minha mãe, assim como a mãe dela, sabia ser generosa e sempre tinha algo para oferecer às visitas. Serem “senhoras” não era o mesmo que serem “ricas”, era na verdade a capacidade de compreender aquilo que circula na abundância subterrânea que une as vidas e faz valer a pena viver. Quando minha avó ficou velha demais para fazer o pão doce em forma de peixe que distribuía para crianças da vizinhança, gente de todas as idades vinha até ela pedir as “novenas”, e minha avó rezava durante nove dias para realizar os desejos que lhe eram confiados, numa circularidade de atenção, gratuidade e palavra.

Agora, seus ensinamentos me ajudam, por exemplo, a coordenar e lecionar na escola para mães estrangeiras, onde o que importa é desenvolver uma rede de aperfeiçoamento mútuo, não apenas aprender italiano.



Para um novo início da história

Mas o que essas narrativas têm a ver com a história?

Acredito que partir dessas situações que suscitaram sentimentos negativos, ou pelo menos contraditórios, é um bom começo, porque elas constituem um sintoma, um indício de algo que as interpretações dominantes do sistema patriarcal e capitalista não conseguem dizer, algo que nossa experiência de vida nos faz sentir e que ainda não temos palavra para expressar. É um trabalho de escavação possível, mas difícil de fazer sozinha, e construir uma comunidade de pesquisa ajuda a manter o ajuste contínuo necessário para nos aproximarmos cada vez mais de uma verdade que não é só interna, que pode ser oferecida a todas e todos.

Assim, podemos criar ferramentas interpretativas para a construção de biografias femininas e para traçar uma história dos comportamentos livres das mulheres, o que nos permite reconhecer uma simbologia diferente subjacente às vidas delas e também à nossa. Ainda que agora, por exemplo, a figura materna seja levada em conta na escrita da biografia de uma mulher, me parece que ainda falta a capacidade de lermos positivamente as mensagens que o comportamento materno tem conseguido transmitir, pois existem muitas interpretações prontas que apagam, minimizam, distorcem, ridicularizam, normalizam ou realocam esses comportamentos na excentricidade ou na excepcionalidade. O conflito é muitas vezes enfatizado, sem levar em conta a



dificuldade e o tempo necessário para uma filha expurgar essa relação de importância vital de tudo o que a cobre, cedendo conscientemente à força. Além disso, a liberdade e o protagonismo das mulheres, que sempre existiram e que se materializaram em condições históricas precisas, só podem ser reconhecidos e contabilizados se nos libertarmos dos modelos masculinos. Na Idade Média, a mulher podia mostrar sua independência com o jejum, afirmando ser guiada diretamente por Deus. Mas e hoje, como se manifesta nossa originalidade? E, se a ação feminina é frequentemente apresentada como um húmus necessário e oculto para uma vida digna, como garantir que seja reconhecida e partilhada e que não desapareça num mundo que busca e propõe a igualdade e a homologação? Em analogia com essas reflexões, chamou minha atenção como, em alguns países, à medida que o PIB aumentava, as condições de vida pioraram, porque as mulheres agora empenhavam o tempo em ganhar dinheiro – uma relação que expõe o trabalho não remunerado, mas produtor de bem-estar, que essas mulheres costumavam fazer e que gera a necessidade de estabelecer novos indicadores econômicos.

Mudar a representação da mulher muda a leitura de todo o contexto e com certeza muda a história e o trabalho da historiadora, que já não se coloca mais como a grande especialista na especialidade a qual se dedica, que lhe dá uma vida e oferece um lugar social. A história, como todas as disciplinas, pode então retomar a função primária do conhecimento, que é ajudar a toda a



humanidade a viver o melhor possível – e isso talvez seja um caminho para um novo começo.¹⁴

Assim, também, a prática da história vivente produz modificações pessoais imediatas, porque os grumos, criados pela desordem simbólica, provocam incertezas, bloqueios, paralisias; e o esclarecimento desencadeia energia e confiança.

Para mim, a prova disso está ligada à poesia, minha linguagem secreta, ao que sempre me proibi de mostrar, ao que surge quando as palavras não são suficientes para dizer, ao que metaforicamente nos mostra a verdade oculta. Em 1994, graças ao meu trabalho com diversos grupos de mulheres, tomei consciência da originalidade dos comportamentos das mulheres na minha genealogia familiar, como demonstra o poema que apresento como conclusão deste texto. É um testemunho histórico dessas intuições, mas também de como a prática da história vivente permite a palavra pública feminina. Só a partir deste ano, 2010, é que não tenho mais medo de apresentar meus poemas.

¹⁴ N.A. “O fracasso em encontrar um novo começo fez com que a historiografia feminista da igualdade ou do gênero se limitasse a repetir as interpretações existentes do passado, contrastando dialeticamente a experiência humana feminina com elas, sem abrir contradições que enriqueceriam e refinariam o vocabulário do político; ou seja, sem contribuir para colocar em palavras os conflitos entre os sexos que podem ser documentados no presente” (Rivera Garretas 2007, p. 1). (Rivera Garretas, 2007, p. 28) O ensaio inteiro foi esclarecedor para o trabalho da Comunidade.



Sou filha de uma bruxa rainha

Sou filha de uma bruxa rainha,
porque minha mãe arava a terra
e colhia batatas imortais:
renasciam na neve do inverno
do buraco cavado na cozinha,
uma felicidade revelada dia após dia,
então a “mãe” era enterrada de volta
e nasciam “filhas” infinitas.

Sou filha de uma bruxa rainha
porque minha mãe colhia morangos
com a chuva açoitando a sombrinha
e os vendia, menina-mercante,
nas casas de férias dos ricos.

Ninguém jamais pôde comprá-la:
com gestos e palavras, ela recriava
para si e para os que amava
as pessoas que encontrava.

Sou filha de uma bruxa rainha



porque minha mãe fazia história:
me contava de sua mãe menina,
que um dia escolheu três filhos
e arranjou para eles comida
munida do orgulho de ter razão
de sua criação secreta
de peixinhos com olhos de sementes
e pudins de leite desnatado
para dar a todas as visitas.

Sou filha de uma bruxa rainha
porque minha mãe teceu histórias:
contava de um jovem cego,
sozinho na igreja lotada,
batendo a bengala até o altar,
e de como ela, sozinha e estrangeira,
levantou-se para lhe oferecer a mão:
minha mãe julgava a guerra
julgava as pessoas que fingem paz
ela escolheu aquele jovem noivo
e me deu a coragem dos olhos dele.



Referências

Barbagli, Marzio, Marcello Dei (1969), *Le vestali della classe media*, Bologna: Il Mulino.

García Márquez, Gabriel (2003) *El amor en los tiempos del cólera* (1985), Barcelona: Debolsillo.

Munro, Alice (2003) *Nemico, amico, amante...* (2001), trad. di Susanna Basso, Torino: Einaudi.

Muraro, Luisa (1991) *L'ordine simbolico della madre*, Roma: Editori Riuniti.

Nafisi, Azar (2004) *Leggere Lolita a Teheran* (2003), trad. di Roberto Serrai, Milano: Adelphi.

Nafisi, Azar (2009) *Le cose che non ho detto* (2008), trad. di Ombretta Giumelli, Milano: Adelphi.

Pretorius, Ina (2005) *Handeln aus der Fülle*, Gütersloch: Gütersholer Verlagshaus.

Rivera Garretas, María-Milagros (2007), "La historia que rescata y redime el presente" (*DUODA*, 33/2007).

Scuola di Barbiana (1967) *Lettera a una professoressa*, Firenze: Libreria Editrice Fiorentina.

Zamboni, Chiara (2008) "La notte ci può aiutare" in Annarosa Buttarelli, Federica Giardini (a cura di), *Il pensiero dell'esperienza*, op. cit, pp.55-71



Zambrano, María, "Para una historia de la Piedad", en AURORA. Papeles del Seminario María Zambrano, 0 (2012) 64-70; p.65; en "Revista Lyceum" (La Habana) 17 (1949), en <https://core.ac.uk/download/pdf/39110643.pdf>.

Vorpsi, Ornela (2005) *Il paese dove non si muore mai* (2004), Torino: Einaudi.

Tradução: Rayssa Galvão.

Preparação do texto e notas: Monalisa Gomyde.

As Ondas Editora.

44.314.346/0001-30

asondaseditora.com